

COMPREENDENDO A FENOMENOLOGIA (UNDERSTANDING PHENOMENOLOGY)

VERA LUCIA MENDES DE OLIVEIRA¹

RESUMO

O presente estudo coloca em discussão o método fenomenológico elaborado por Edmund Husserl e Martin Heidegger. Ambas as propostas são analisadas e suas principais características destacadas, como forma de aproximação da idéia central dos pensadores em questão. Tem-se assim delimitada a proposta de Husserl para a idéia da existência de sujeito e mundo puros e independentes um do outro. Esse pensamento é colocado sob a crítica de Heidegger que acentuava que o eu-puro não está disponível a não ser através da existência, local do exercício das vivências humanas. Para tanto, Heidegger toma como companheiro o Dasein, cujo termo representa a constituição ontológica do homem, que detém a possibilidade de existência em seu sentido mais original.

Palavras-chave: Fenomenologia, Método e Compreensão

ABSTRACT

This study presents the discussion about the phenomenologic method created by Edmund Husserl and Martin Heidegger. The ideas of both authors were discussed, offering the comprehension about their ideas. Husserl's purpose is the idea of existence of subject and world pure, independent each other. Heidegger didn't agree with his master, because he has believed that the approach of the self-pure only

can be possible through the existence. Then, Heidegger take like fellow the Dasein, whose term represents the ontological constitution of the man, who detain the possibility of the existence under your original sense.

Keywords: fenomenologic, Method and, Comprehension

EM BUSCA DO FUNDAMENTO PRIMEIRO: A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Não se faz intenção prioritária desse trabalho conhecer, com profundidade, a origem e os caminhos pelos quais se desenvolveu a fenomenologia. Contudo, não é possível deixar de compreender as principais diferenças que caracterizam o modo como foi ela vista por Edmund Husserl e Martin Heidegger.

Mas, por que me deter no enfoque dado pelos dois? Primeiramente, por ter sido Husserl o precursor da fenomenologia como uma possibilidade metodológica, e, quanto a Heidegger, por ter acrescentado ao pensamento de seu mestre elementos determinantes para o enriquecimento do método, além de representar o autor no qual pretendo embasar meu estudo.

A primeira referência ao termo fenomenologia é atribuída ao físico alemão J. H. Lambert, que o utiliza como título da 4ª parte do seu *Novo organon*, em 1764. Hegel volta a utilizar o termo em sua obra *Fenomenologia do Espírito*, no ano de 1807, ainda

¹ Enfermeira, Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Enfermagem Clínico-Cirúrgica pela Universidade Federal do Ceará e aluna do Curso de Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

no século XIX. Mas, como corrente filosófica, foi nas mãos de Edmund Husserl que a fenomenologia viria a se perpetuar sob a forma do movimento de pensamento.

Zitkoski (1994:introd.), expõe com clareza os objetivos de Husserl, quando afirma que

O ideal de Husserl, à semelhança de outros grandes filósofos, era fazer da filosofia uma ciência primeira que servisse de base para toda e qualquer ciência.

E esclarece-nos ainda mais ao assinalar que o filósofo estruturou o método fenomenológico não apenas como forma de contestação ao modo positivista de lidar na ciência, mas, também, como caminho para a construção da ciência filosófica absoluta e primeira em si.

Toda a proposta de trabalho de Husserl caracterizou-se pela inovação. Jolivet (1953:409) declara que

Husserl pretendeu descobrir em primeiro lugar um processo que tornasse possível a aquisição das verdades fundamentais e a sua justificativa apodítica: com este fim a sua regra essencial constituiu, desde o princípio, em ir às coisas em si mesmas...

Mas, qual é o significado real dessa máxima tão amplamente utilizada nos trabalhos que têm na fenomenologia sua linha de orientação? Na realidade, banalizou-se o emprego da expressão, deixando talvez escapar o seu sentido mais originário.

Husserl recusava a idéia da existência de sujeito e mundo puros e independentes um do outro. Detinha-se no fato de o homem ter uma consciência intencional, sempre dependente do objeto, sempre consciência de alguma coisa. As próprias coisas estão presentes na consciência como fenômenos, tornando-se necessário adentrar o mundo interior da consciência para alcançar a origem das coisas em si.

Sem dúvida foi tarefa árdua exigir um total despojamento de pressupostos, abrindo mão de verdades até então ditas por outras ciências, além das convicções pertinentes a cada um de nós. O que restaria, então? Husserl traz até nós a evidência, com a proposta de entregar-lhe a tarefa de fundamentação das ciências.

Stegmüller (1977:62) afirma que

... a evidência, portanto, nada mais é do que o conhecimento da concordância entre o sig-

nificado e aquilo que está presente por si mesmo.

A evidência pode, portanto, ser vista como um tipo de juízo, ou ainda como uma

...experiência originária do ser das coisas ou fatos visados pela intenção e, nas expressões de Husserl, o contato direto com a coisa ela própria em carne e osso (Zitkoski, 1994:23).

Nesse ponto, surgem outros conceitos extremamente importantes para a compreensão da fenomenologia husserliana: a intenção, a intuição e o preenchimento como meios para se alcançar a evidênciação.

Zitkoski (1994) esclarece-nos o papel desses conceitos, quando destaca ser a intenção um momento em que não se tem a presença de objeto algum, mesmo que imaginário, para preencher a significação resultante do intencionar da consciência. Quando ocorre a intuição, tomamos posse do objeto, preenchendo a lacuna existente na intenção. Assim sendo, a intuição tem como resultado o preenchimento decorrente do contato da consciência com o objeto, através da experiência.

Esse caminhar será determinante para que seja alcançada uma análise fenomenológica dentro do rigor estabelecido por Edmund Husserl: olhar para as coisas como estas são, em seu sentido mais originário, preenchendo intenções com intuições correspondentes.

Jolivet (1953) afirma ser a intuição, paralelamente à exclusão de tudo aquilo que não seja originariamente justificado, as duas regras básicas do método fenomenológico.

A *epoché*, isto é, a colocação em suspenso de todo e qualquer obstáculo de acesso à região das essências puras, ou fenômenos, é para Dartigues (1992) uma mudança de atitude, abrir mão de uma atitude natural diante do mundo, em busca de uma atitude fenomenológica.

Mas o que o significa deixar de lado uma atitude natural? O que nos é solicitado a fazer é abandonar a postura a-crítica que norteia o nosso cotidiano diante das coisas que se colocam diante de nós. É voltar o olhar para além daquilo que se mostra e é visto, deixando de lado tudo o mais que impossibilite uma compreensão verdadeira. Surge, então, uma consciência transcendental, melhor esclarecida por Zitkoski (1994:39), quando ensina que

A consciência transcendental passa a valer como uma região de ser absoluta, fonte última da explicação de todo sentido de ser válido para o conhecimento humano.

A etapa seguinte ao estabelecimento de uma atitude transcendental, de acordo com Husserl, é a redução ou depuração fenomenológica, cujo objetivo precípua é garantir a condução da investigação fenomenológica no plano transcendental. Nesse plano, os atos da consciência passam de uma percepção espontânea para um ato reflexivo, e assim sendo, apreende-se o objeto de maneira intencional.

A intencionalidade é uma característica da consciência, pois esta sempre será consciência de alguma coisa. Ou, como afirma Zitzki (1994:59),

...a intencionalidade fenomenológica significa que a consciência só existe como consciência-de, ou seja, o sujeito só é sujeito em relação com um dado objeto e, por outro lado, o objeto só pode ser definido em sua relação com o sujeito por ser sempre objeto-para-um sujeito.

E como fica o mundo para Husserl? Para o filósofo, o mundo apenas existe de maneira intencional para nós. Busca-se a essência dos fenômenos, "suspendendo" a existência. E talvez tenha residido nesse ponto a necessidade de se buscar algo mais. Não bastava apenas encontrar o eu-puro, ou, como afirma Jolivet (1953:416) "É certo que a fenomenologia não pode desprezar a existência, que é também um dado."

A FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICA DE HEIDEGGER

Foi por considerar a existência um aspecto relevante que Heidegger discordou e interveio no método proposto por seu mestre, orientando-o para um enfoque existencialista.

Nesse novo modo de ver, a que se propõe Heidegger, surgem aspectos determinantes para a redefinição do que é a fenomenologia, sem que seja abandonada a proposta de Husserl de volta às coisas mesmas. Essa proposta situa-se contrária às descobertas imediatas, conceitos aparentemente verificados. Busca-se aquilo que verdadeiramente é. Aqui emerge a característica básica da fenomenologia

heideggeriana: a não valorização do aparentemente óbvio, ao qual denomina-se significado, em detrimento daquilo que funda originariamente as coisas, ou seja, o sentido.

O termo fenomenologia pode ser desmembrado em dois outros termos com significados distintos: fenômeno e logos. Para o primeiro termo, se adequa a definição daquilo tudo mais que se mostra e se revela diante de nós.

Para logos, não basta apenas vê-lo como a representação de discurso, pois seu significado estende-se para além do simples dizer, detendo-se naquilo que foi mostrado no dizer.

Mas, se a fenomenologia, como proposta filosófica, objetiva fazer ver aquilo que se manifesta, não se torna desnecessária tal empreita? Dartigues (1992:127) responde:

É que, na verdade, o que é preciso denominar fenômeno num sentido privilegiado não se manifesta de imediato, mas se dissimula, ao contrário, no que se manifesta e por isso precisa ser expressamente mostrado.

Heidegger também se preocupa com esse modo de manifestação dos fenômenos, e nos chama a atenção para o fato de que o ente pode mostrar-se a nós como ele na verdade não é. E completa sua assertiva quando nos diz que

...manifestação enquanto manifestação de alguma coisa não diz um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar-se de algo que não se mostra. Manifestar-se é um não mostrar-se. (Heidegger, 1993:59).

Se Heidegger houvesse apenas se detido nesse aspecto, pouco ou nada teria acrescentado à proposta de Husserl. Seria uma tão-somente volta às coisas mesmas. Mas, onde buscar o que realmente se manifesta? Foi essa a inquietação que mobilizou os esforços do discípulo, e o impulsionou à frente de seu mestre.

E Heidegger foi buscar no ser dos entes a nascente de onde viria brotar a verdadeira essência dos fenômenos. Porém, não escolheu, entre tantos entes no mundo, um qualquer. Tomou como companheiro o Dasein, uma presença especial, que detém a possibilidade da existência no seu sentido mais original. Mas como podemos definir presença? O termo representa a constituição ontológica do homem, que sendo constrói a sua existência.

Aqui surge uma contestação evidente a Husserl, pois, enquanto a este bastava alcançar a consciência transcendental para então apropriar-se da essência de um fenômeno, para Heidegger fica claro que caminhar até esse ponto não significava alcançar a essência do ser. Ou, como (*apud* Dartigues 1992:127) ele mesmo diria em sua obra *Qu'est-ce que la métaphysique?*, "...por não olhar senão o que está à vista, o pensamento esqueceu-se de interrogar sobre a luz que lhe permitia ver."

E será na pre-sença que o filósofo irá buscar a luz, ou, mais precisamente, no seu modo de ser-no-mundo.² Aqui devemos retomar a existência como aspecto determinante para a escolha do Dasein, perguntando-nos: por que coube a ele essa escolha? A resposta está no sentido atribuído por Heidegger para o termo existência.

Mora (1996:258) nos favorece a compreensão de um significado comum na utilização do termo existência ao afirmar que

... é o que se deriva de conceber a existência como um modo de ser que nunca é dado, mas também pouco é posto(...) um modo de ser que constitui o seu próprio ser, que se faz a si mesmo.

Assim sendo, não poderia se buscar respostas em outro ente que não naquele que detivesse a capacidade de questionar o mundo, por apenas existir sendo-no-mundo. Nesse aspecto, aquele que interroga é também o interrogado.

Aqui surge o incômodo de não se ter como certo o modo de acesso a esse ente, ainda mais se reconhecermos o fato de que, muitas vezes, ele mais se esconde do que se revela. Como, então, acessá-lo?

O método fenomenológico determina que nos atenhamos a uma de-monstração fenomenal guiada pelo modo de ser do próprio ente. Não podemos nos deter nas distorções ou desviar o foco central de interesse para as respostas evidentes e banais.

A proposta do filósofo é acessar o ontológico através do ôntico. Nessa empreita, Heidegger situa como fundamental conhecer o modo como se estrutura a questão do ser.

Estando bem claro que todo questionamento envolve uma busca, poderíamos considerar o fato de

que Heidegger estabelece três conceitos básicos para empreendermos essa busca: 1) Questionado: é o que se busca, ou seja, o ser; 2) Interrogado: é o caminho para se chegar ao questionado, que se concretiza através do ente e 3) Perguntado: é o objetivo a ser alcançado, o sentido do ser.

Empreender uma busca dentro do modelo proposto pelo filósofo poderá parecer para alguns uma tarefa por demais árdua. Talvez seja esse o motivo que leva Heidegger (1993:31) a chamar nossa atenção para o fato de que

Pode-se empreender um questionamento como um simples questionário ou como o desenvolvimento explícito de uma questão. A característica dessa última é tornar de antemão transparente o questionamento quanto a todos os momentos constitutivos mencionados de uma questão.

Fica demonstrada, de maneira clara, a crítica que o autor faz aos estudos que se propõe a tratar suas questões de modo superficial, detendo-se no óbvio, podendo e restringindo todas as possibilidades de aprofundar em busca de um sentido real.

Sendo a pre-sença o ente que sempre nós mesmos somos, devemos nos voltar para esse nós, abstraído-nos do mundo real e do ser dos outros. Mas, que destino dar ao que se encontra?

Uma coisa Heidegger deixa bem evidente, quando afirma que à fenomenologia não basta descrever o que se vê. A ela compete atitude mais ampla. "Da própria investigação resulta que o sentido da descrição fenomenológica é a interpretação" (Heidegger, 1993:69).

Isto é, compreender, interpretar, buscar naquilo que se mostra o sentido daquilo que se esconde. A tarefa não pertence apenas a mim, se considerarmos as palavras de Coreth (1973:52), quando diz que

Mesmo que eu conheça o outro com suas maneiras de pensar e de falar, só o compreenderei se olhar juntamente com ele o objeto, deixando que ele mo mostre e abra, ajustando contas com sua visão e interpretação da coisa - olhada por si mesmo.

Porém, buscar a compreensibilidade de algo tornou-se um ato banal em nosso cotidiano. Inúmeras falas declaram com solenidade: Eu te compreen-

² Inúmeras expressões utilizadas por Martin Heidegger são separadas através de hífen com o objetivo de demonstrar o seu sentido relacional, ou o fundamento originário.

do; contudo situa-se aqui uma pergunta: teríamos esquecido do real significado de compreender? Será que algum dia tocamos no seu verdadeiro sentido? Responder a tais indagações exige-nos o esquecimento de tudo até aqui conhecido, com respeito à compreensão.

Coreth (1973:48) auxilia-nos nesse caminhar quando escreve ser a compreensão "... uma experiência fundamental do conhecimento humano, traduzida pela dualidade de razão e intelecto". Porém, a qual desses dois mundos ela pertenceria? O autor resgata-a para o mundo intelectual, com todo o imediatismo da inteligência que capta um sentido, determinando uma experiência que ultrapassa a casualidade.

Desse modo, faz-se necessária a busca pelo conhecimento do que se intenciona compreender. Não seria possível atrevermo-nos a tal empreita sem um conhecimento prévio do que ansiamos por alcançar, sem atinarmos para a necessidade do diálogo como instrumento de caminhada. Torna-se impossível deixar de ouvir e deixar de ver. O estabelecimento de um canal de comunicação possibilita a apreensão do sentido, e, então, o outro se mostra para mim.

O escutar e o ver que aqui propomos não são aqueles que pertencem apenas ao caráter dos sentidos. Escutar é abrir-se para receber e dividir, é envolver-se e ser envolvido, é dar a oportunidade da revelação. Quanto ao ver, Heidegger (1993:203) situa muito bem a profundidade da ação, quando afirma

"Ver" significa não só não perceber com os olhos do corpo como também não apreender, de modo puro com os olhos do espírito, algo simplesmente dado em seu ser simplesmente dado.

Na realidade, é nisto que costumamos nos deter – no que se mostra de modo evidente. Não questionamos, não refugamos, apenas aceitamos como óbvio. Contudo, diante da necessidade de transformar compreensão em aproximação, faz-se prioritário ir mais além e buscar ver o que pode vir a ser descoberto.

Será através desse descobrir que a compreensão deixará de ser apenas esclarecimento, pois não teremos apenas um olhar voltado para o objeto este será substituído por um olhar comum, no qual aquele que nos dirige nos mostra o objeto com o próprio olhar. Aqui não seria a simples apreensão de um sen-

tido percebido por mim, o sentido emergiria daquele a quem verdadeiramente pertence, por evidenciar a experiência em questão.

Coreth (1973) enfoca o sentido como o conteúdo da compreensão, mas o que se almeja não é o simples conteúdo e sim a pessoa que se mostra para nós, mesmo que seja a partir dele que se alcance a compreensão. Poderíamos sugerir que o sentido representa o meio, estando, contudo, longe do fim.

Cercando-nos (circunvisão), inúmeros aspectos favorecem essa compreensão. Pertencentes ao dia-dia, presentes e repetitivos transformam-se em peças mudas que fizemos calar na rotina dos nossos afazeres. Aqui colocamos a importância de romper com a inércia desses aspectos - eles falam, eles contam histórias, eles são o pano de fundo de tudo o que intencionamos captar. No que a pessoa a quem quero ouvir se abre, ocorre a mobilização de tudo o que paira ao seu redor e o diálogo entre nós não transcurre apenas através da expressão lingüística. No entanto, se nos detivermos apenas no conteúdo, no que se mostra, esse mundo rico de experiência se esvairá como fumaça e com ele a nossa possibilidade de compreensão.

Trata-se de uma tarefa árdua, quase impossível, já que é tão fácil nos determos no óbvio, sem explorar, refletir, sem cobrar ou ser cobrado. Contudo, não será essa a nossa possibilidade de re-aproximação com o que até aqui se encontra esquecido? E nós como iremos em busca da compreensão, se já trazemos arraigados tantos julgamentos, dúvidas e propostas de solução? Coreth (1973:59) explica que

... é condição do ato de compreender uma pré-compreensão, que dá um primeiro acesso ao sentido da coisa, essa compreensão prévia, entretanto, é essencialmente aberta...

Não nos seria possível, de imediato, abrir mão de tudo o que nos faz ser como somos, mas o autor citado afirma que pre-compreender não significa deter-se apenas nas nossas verdades, pois tal comportamento traria uma inautenticidade e faria da compreensão apenas um reflexo de nós mesmos.

Somos seres-no-mundo, e não há como ignorar esse fato, e talvez seja por isso que tenhamos tanta dificuldade em desprendermo-nos dos valores que nos vêm através do mundo. Ao mesmo tempo que não podemos abarcar tudo o que nos cerca, colocamos-nos de modo aberto ao que o mundo pode trazer até nós, e cada vez que experienciamos algo de novo,

esse é acrescentado ao nosso viver. Assim, não poderíamos ser puros ou ingênuos no compartilhar da compreensão. Temos muito de nós e o que nos resta é colocar o que somos sob a óptica daquele com quem pretendemos dividir o momento.

Se pudéssemos visualizar de que modo se processa a compreensão, observaríamos a sobreposição de camadas que a constitui, de modo que cada nova experiência vivida está posta sobre a anterior, não abafando ou anulando, mas sim trazendo mais luz, ao mesmo tempo que nos instiga a nova busca. Desse modo, torna-se incessante o nosso caminhar, composto por momentos que se conjugam a outros, resultando na totalidade e, então, talvez estejamos prontos para nos lançar a interpretar o que se mostra.

O que distingue a compreensão da interpretação? Heidegger (1993:204) responde que, na interpretação, "...a compreensão se apropria do que compreende. Na interpretação, a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa."

Podemos afirmar que toda interpretação exige uma compreensão prévia daquilo que se pretende interpretar. Os passos que damos no sentido de uma interpretação, seguem a direção estabelecida pela compreensão já alcançada, e será nela que se buscará sempre algo mais que terá como fim o abrir de novas possibilidades de interpretação.

Para alguns, tal comportamento pode dar a impressão de que não será possível chegar a lugar algum. Não estaremos nos detendo sempre nas mesmas coisas? Não será a proposta de encontrar naquilo que se compreende a oportunidade de descobrir e interpretar novos sentidos, um andar em círculo?

O círculo que aqui se delineia não é, na verdade, um círculo vicioso, no qual a origem se confunde com o destino final. Nele, existe um ponto de partida, e transitar através dele surge como possibilidade de busca de um conhecimento originário. Ou, como comentado por Heidegger (1993:210)

Nele se esconde a possibilidade positiva do conhecimento mais originário que, de certo, só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos ingênuos e "chutes".

Será através da interpretação hermenêutica que alcançaremos o sentido do que objetivamos conhecer melhor, assegurando a cientificidade que pertence ao

próprio objeto de estudo, por determo-nos unicamente na coisa ela mesma, ou seja no sentido do ser.

Contudo, não partimos em busca do sentido do ser absolutamente desprovidos de algo que nos auxilie em tal jornada. E aqui, como destacado, merecem destaque três aspectos determinantes para se alcançar o êxito de uma interpretação fenomenológica da questão do ser: posição prévia, visão prévia e concepção prévia.

A posição prévia diz respeito à pré-compreensão que todos nós possuímos a respeito de algo. Essa compreensão anterior não nasce de um nada. Pelo contrário, fundamenta-se no próprio fato de sermos seres-no-mundo e de encontrarmos no nosso cotidiano um favorecimento para a compreensão do todo.

Quanto à visão prévia, esta relaciona-se com a análise que se faz possível empreender, a partir do que foi compreendido. Merece uma atenção cuidadosa o fato de que, muitas vezes, a possibilidade de interpretação que se delineia pode nos levar a atribuir conceitos inadequados, embasados que estão em uma posição prévia.

Adequado ou não, o resultado final é a concepção prévia, ou seja, o sentido que se buscava alcançar. Torna-se imprescindível, portanto, ter sempre em mente a verdade segundo a qual nunca nos será possível partir para uma interpretação, na qual nunca estaremos totalmente puros ou livres de todos os nossos juízos.

A nos guiar através do método, surgem novamente as palavras de Heidegger (1993:44): "...as modalidades de acesso e interpretação devem ser escolhidas de modo que esse ente possa mostrar-se em si mesmo e por si mesmo", sempre em sua cotidianidade, como na maioria das vezes ele sempre é.

Como podemos ver, trabalhar dentro da fenomenologia não se trata de desenvolver uma tarefa solitária e despida de subjetividade. Exige muito mais do que o cumprimento de uma tarefa, por colocar, antes de tudo, diante de nós a possibilidade única de não reproduzir apenas o que nos é dado na forma de um discurso. Suas possibilidades vão mais além.

E são essas possibilidades que foram vislumbradas por Martin Heidegger, quando ele encaminhou a proposta original de Husserl para a busca do sentido do ser. E muito provavelmente, a maior dentre todas as possibilidades que o Filósofo nos ofereceu está a de encontrarmos a resposta para quem somos realmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: E.P.U., Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Moraes, 1992.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.pte. 1.
- _____. *Ser e tempo*. 3. ed. parte 2. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas*. Porto Alegre: Livraria Tavares Martins, 1953.
- MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PALMER, R. E., *O último contributo de Heidegger para a teoria hermenêutica*. In: *Hermenêutica*, edições 70, p.145 - 165.
- STEGMÜLLER, W. *A Filosofia Contemporânea*. v.1, São Paulo: E.P.U., 1977, p. 58 a 91.
- ZILLES, U., *Teoria do Conhecimento*. Coleção Filosofia 21 EDIPUCRS: Porto Alegre, 1994.
- ZITKOSKI, J.J. *O método fenomenológico de Husserl*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.